



Fig. 1: Moises Patrício, série Aceita?. Imagem: divulgação.

ARTIGO

A COVID-19, O NEGRO E A MÃO

O vírus pode não reconhecer condição social, mas a falta de políticas públicas, de saneamento básico e a necropolítica - prática que há muito está em voga no país - nos dão o cenário de genocídio.

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA
ABCA/SÃO PAULO

Observou-se mal a vida se não tiver visto a mão que, de maneira especialmente cuidadosa - mata (Friedrich Nietzsche).

Por três séculos, São Paulo não é mais do que um entreposto de mercadorias. Em meados do século XIX, a economia cafeeira motiva o êxodo para a área urbana. A cidade sente a presença de portugueses, espanhóis, judeus, negros, germânicos, belgas, franceses, árabes e japoneses. Já em 1954, a cidade cresce impulsionada pelo setor industrial e pelas correntes migratórias vinda de diversas regiões do país. São cearenses, baianos, mineiros, goianos, pernambucanos, entre outros, que compõem a mão-de-obra operária.

Hoje, aos nativos, imigrantes e migrantes mesclam-se os refugiados. Nessa cidade transitiva e orientada pelo poder econômico que influi na ocupação do território, à população pobre restam os bairros periféricos e as zonas metropolitanas. Quando o novo coronavírus (SARS-Cov-2) aporta oficialmente, em 26 de fevereiro de 2020, em terras brasileiras, a doença chega por intermédio da classe média

paulistana - um homem teria viajado para o norte da Itália e entrado em contato com o vírus. Não demora muito para que a COVID-19 se espalhe pelos bairros periféricos e pelas comunidades - a cidade se transforma no epicentro da pandemia. São mais de 5.600 mortes!

O vírus pode não reconhecer condição social, mas a falta de políticas públicas, de saneamento básico e a necropolítica - prática que há muito está em voga no país - nos dão o cenário de genocídio. A propagação da pandemia coloca em evidência as dificuldades vividas pelos “invisíveis” que a tradição branca e patriarcal adotada pelo Estado sempre ignorou: a população de rua, as mães solas, os desempregados, os trabalhadores informais, os indígenas, os idosos e a população negra historicamente são as principais vítimas das desigualdades sociais e, simultaneamente, os potenciais mortos pela pandemia - “a mão que, de maneira especialmente cuidadosa - mata” surge com mais peso nesse contexto, desumanizando as pessoas e as transformando em números.



Fig. 2: Moises Patrício, série *Aceita?*. Imagem: divulgação.

Porém, para todo o processo de destruição e de coisificação de pessoas, tem-se a resistência. Os resistentes partem das mais diversas áreas: profissionais de saúde, professores, jornalistas, artistas e intelectuais preocupados com equidade e da própria população periférica. A arte e a cultura têm sido alicerces importantes para esses tempos de isolamento social. Merecem destaques as ações de conscientização, promovidas por artistas, assim como os leilões de obras de arte para o socorro imediato das emergências ocasionadas pela pandemia.

ENTRE ESSES ARTISTAS VISUAIS ATENTOS À “DESUMANIZAÇÃO DO OUTRO”, ESTÁ MOISES PATRÍCIO (SÃO PAULO, 1984). SEU EXERCÍCIO ARTÍSTICO ESTÁ VOLTADO À FOTOGRAFIA, AO VÍDEO, ÀS PERFORMANCES, RITUAIS E INSTALAÇÕES QUE EVOCAM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA...

Sobre o movimento de conscientização da arte, aqui se enfatiza o *modus operanti* de uma geração de artistas afrodescendentes que se torna “cronistas de nosso tempo”. Eles,

em geral, têm educação superior (são mestres, doutores, pesquisadores, curadores e educadores). Pensam as condições da população negra a partir de sua ancestralidade, questionando a meritocracia, os privilégios dos brancos e o racismo nosso de cada dia. São donos de uma produção visual contemporânea vigorosa - fruto de pesquisa, extenso repertório e temas perturbadores.

Entre esses artistas visuais atentos à “desumanização do outro”, está Moises Patrício (São Paulo, 1984). Seu exercício artístico está voltado à fotografia, ao vídeo, às performances, rituais e instalações que evocam a cultura afro-brasileira. Em algumas entrevistas, o artista nos fala sobre o uso do seu corpo como “corpo político” e sobre as incursões deste corpo pela cidade - sabemos da insegurança de um corpo negro em alguns territórios de São Paulo; conhecemos as barreiras invisíveis postas desde o período colonial. Os escritos de Abdias do Nascimento há décadas nos alertam para o genocídio da população masculina jovem negra - infelizmente, os meninos mortos, como

João Pedro, nos lembram de que este fato é a realidade nacional.

A série *Aceita?* é um diário fotográfico, realizado desde 2014, via Instagram. São mais de 1000 imagens da palma da mão esquerda de Patrício. Ela se estende e oferece os mais diversos objetos encontrados nas ruas de São Paulo - o seu território de conflito; em algumas fotoperformances surgem palavras escritas - a cada dia uma imagem-enigma aos espectadores/seguidores. Em todas, está o gesto de oferenda (essencial no candomblé).

Nas fotoperformances, a mão que surge já não é a invisível que mata; ao contrário, ela oferece. Mas, é aquela do homem negro que, por reminiscência do passado escravocrata, é vista como mão-de-obra servil. Aqui, o paradoxo: pode-se pensar na aceitação do corpo negro pela parte ou ainda inquietar-se, justamente, pela ausência do todo - coloquemos que esse todo ainda é marginalizado. Essa mão, continuamente, expõe a intolerância étnica e religiosa. E cotidianamente questiona: “Aceita?”.

Sem respostas definitivas, o artista

nos faz revisar posições individuais e coletivas: detêm-nos em pautas político-sociais; traz-nos imagens reflexivas; nos inquieta com seus fundos, objetos simbólicos e suas palavras-sínteses. Nunca é uma leitura fácil, às vezes, a primeira leitura escapa e segue além. A questão “Aceita?” nunca é um pacto fechado e irrestrito entre artista e público. E sempre sugere ativismo - ação que hoje é “questão de vida e morte” à população negra e periférica de São Paulo.



Fig. 3: Moises Patrício, série Aceita?. Imagem: divulgação.